

Mudança linguística e gramática gerativa: uma perspectiva de aquisição da linguagem

Linguistic change and generative grammar:
a perspective of language acquisition

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.15922>

Eloísa Maiane Barbosa Lopes

Mestra em Linguística e discente do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: eloisamaiane@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8554-3623>

Daniel da Silva Carvalho

Doutor em Linguística, professor Associado do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura na mesma instituição.

E-mail: danielcarvalho@ufba.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9776-6963>

RESUMO

A Linguística Histórica é um ramo da linguística bastante produtivo que busca estudar e analisar as mudanças da língua no decorrer do tempo, além de apresentar a história e a organização da língua no passado. A mudança linguística apesar de ser tratada, geralmente, em uma perspectiva funcional, tem na teoria formal da Gramática Gerativa uma explicação a partir do processo de Aquisição da Linguagem. Dessa forma, objetivamos neste estudo fomentar uma discussão a respeito da mudança como um objeto teórico da teoria gerativa, entendendo como a mudança é compreendida como um fenômeno de Aquisição da Linguagem, sendo prevista a partir das noções de input (experiência), parâmetros e Gramática Universal.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Mudança Linguística. Gramática Gerativa. Aquisição da Linguagem. Parâmetro.

ABSTRACT

Historical Linguistics is a very productive branch of linguistics that seeks to study and analyze language changes over time, besides presenting the history and organization of the language in the past. Linguistic change, although generally treated in a functional perspective, has in the formal theory of Generative Grammar an explanation from the process of Language Acquisition. Thus, our objective is to foment a discussion about change as a theoretical object of generative theory, understanding how change is understood in a model of formal linguistic analysis.

Keywords: Historical Linguistic. Linguistic Change. Generative Grammar. Language Acquisition. Grammar. Parameter.

Introdução

É fato que as línguas passam por processos de mudança ao longo do tempo e esse fenômeno pode ser percebido de diferentes formas. Uma das formas de percebermos a mudança linguística é no contato com pessoas de outras faixas etárias, sendo que, quanto maior a diferença de idade, maiores são as chances de haver diferenças na maneira de falar de pessoas com idades distintas. Outra forma de perceber a mudança é no contato com textos escritos ou falados (gravações, filmes etc.) de outras épocas. Por esse ponto de vista, entendemos que a mudança linguística é percebida a partir de dados empíricos (escritos ou falados). Em outras palavras, a mudança de uma determinada forma da língua é, geralmente, verificada e descrita nos contextos de uso da língua e, por isso, está associada a uma abordagem *funcionalista* dos fenômenos da linguagem.

Compreendemos por abordagem funcionalista, nos estudos linguísticos, aquela que, segundo Borges Neto (2004), “pretende, inicialmente, que a linguagem humana seja vista como um instrumento de interação social, entre seres humanos, usado para estabelecer comunicação (BORGES NETO, 2004, p. 85). Nessa perspectiva, o papel do linguista é observar e descrever os modos com que os falantes utilizam para se comunicar a partir de expressões linguísticas. Assim, a questão básica aqui está no uso da linguagem, na sua função no interior do processo comunicativo. Essa abordagem constitui a base teórica de muitas disciplinas da ciência linguística, tais como: a Sociolinguística, a Pragmática, o Cognitivism etc.

A essa perspectiva funcionalista se opõe o que chamamos de *formalismo*. Em linguística, o formalismo:

[...] é aí caracterizado como uma opção pela autonomia da sintaxe [...] e pela imposição de uma metodologia de pesquisa que trata do ‘formal’ com absoluta independência de suas relações, seja com o lado não formal da linguagem (o “significado”), seja com os usos que os falantes fazem desse “formal”. (BORGES NETO, 2004, p. 84-5)

Com isso, ao contrário do funcionalismo, o formalismo preconiza um estudo da forma (estrutura) do fenômeno linguístico independente do seu uso, o que lhe atribui uma autonomia. Sendo assim, o papel do linguista é entender e observar os fenômenos da linguagem como um conjunto de formas e, a partir disso, explicar como esse conjunto se organiza. Nessa abordagem, situam-se as propostas de Saussure (1916) (posteriormente denominada de Estruturalista) e de Chomsky (1957) (Gerativista) em que ambos delimitaram um objeto autônomo e, portanto, formal para a linguística, a saber, *langue* (sistema de signos) e *competência* (capacidade inata de produzir e entender expressões linguísticas).

A partir disso, primeiramente, é possível caracterizar a mudança como um objeto teórico na perspectiva funcionalista. Antes de mais nada, vale dizer que, por objeto teórico, conforme Dascal e

Borges Neto (1991), entendemos as escolhas de entidades básicas e propriedades que consigam explicar a natureza e as relações de um determinado objeto. Para o autor,

[...] a definição do objeto teórico 'cria' uma realidade particular da teoria [...] a teoria cria um mundo todo seu, que não se confunde com um mundo tal como observamos. Este mundo teórico é povoado não só pelos fatos observáveis (fenômenos) como também pelas entidades teóricas. (DASCAL; BORGES NETO, 1991, p. 22)

Pensando nisso, a mudança constrói a sua realidade teórica a partir dos fenômenos observáveis, neste caso, os fenômenos recorrentes nos usos da linguagem, mas também por entidades teóricas, o que faz com que a mudança não seja tão restrita a uma perspectiva funcional, mas também formal.

Partindo do exposto, propomo-nos, neste texto, tratar a Mudança Linguística como um objeto teórico de um modelo de análise linguística estritamente formal, a Gramática Gerativa. Destarte, nosso objetivo é entender como a mudança se configura na teoria gerativa e como essa abordagem formal se distingue de uma abordagem funcional como, por exemplo, a que é dada pela Sociolinguística. Dessa forma, cabe a nós responder as seguintes indagações: como a Gramática Gerativa compreende a Mudança Linguística?; como um modelo tão formal de análise e descrição linguística prevê um fenômeno que, a princípio, possui um caráter social e, conseqüentemente, funcional? No intuito de responder a esses questionamentos, apresentamos, a seguir, um paralelo entre História, Diacronia e Mudança nos estudos linguísticos, apresentando uma perspectiva funcional da mudança linguística. Posteriormente, tratamos os principais postulados da teoria gerativa, bem como a abordagem, particular, dada ao fenômeno da Aquisição da Linguagem que será crucial para a discussão e entendimento do fenômeno da mudança neste modelo teórico.

1. História, diacronia e mudança

A história, em outras palavras, o fator tempo está envolvido na explicação de muitos fenômenos, sendo a base empírica de muitas ciências, principalmente, as que tratam das humanidades. Algumas dessas ciências conseguem até relacionar suas teorias com a história. Em se tratando de Linguística ou, mais especificamente, de Língua, a história aparece antes mesmo de aquela ganhar o status de ciência autônoma. Os estudos da linguagem encontraram diferentes perspectivas e métodos para se buscar o entendimento de seu objeto até se configurar como ciência.

Um desses métodos de investigação da língua é o histórico-comparativo que surge e ganha impulso no século XIX, o qual apresenta o pressuposto de que as línguas possuem correspondências umas com as outras, e tais correspondências são o resultado de mudanças na língua ao decorrer do tempo. O método em questão procura demonstrar que a língua evolui e essa ideia encontra seu

advento com a descoberta do *sânscrito* e dos parentescos entre as línguas indo-europeias. Assim, nascem e se desenvolvem as chamadas *Linguística Comparada* e *Linguística Histórica*. Com isso, estudos como os de Franz Boop, Jacob Grimm e Ramus Rasck buscam investigar uma língua natural a partir de comparações entre outras línguas e dessa comparação criar hipóteses a respeito do surgimento, natureza e desenvolvimento de determinada língua.

De modo geral, tanto os estudos comparativistas quanto os histórico-comparativistas tentaram reconstruir um passado da língua a partir de fenômenos recortados no presente. De acordo com Paixão de Sousa (2006), essas perspectivas apresentam o pressuposto de que as línguas mudam ao decorrer do tempo, ou seja, uma língua, em qualquer contexto, está suscetível a sofrer mudanças. Com isso, as reflexões do século XIX trazem um legado importante para os estudos linguísticos posteriores, pois, para Paixão de Sousa (2006), a maior herança desse pensamento para os estudos históricos está, justamente, nas abordagens mais lineares, “nas quais os efeitos do tempo sobre as línguas são tidos como condicionados por regras gerais definidoras concebidas como leis naturais” (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 18) e é a compreensão dessas leis, bem como da língua e da sua evolução, que reflete o pensamento dos estudiosos do século XIX, o que posteriormente Ferdinand Saussure (1916) buscará contrapor e traçar um corte importante para os estudos da linguística moderna, resultando, mais tarde, na consolidação desta como uma ciência autônoma.

Com o advento da linguística no século XX, a partir das ideias de Saussure, contidas no *Curso de Linguística Geral*, é lançada uma nova percepção da história na língua. De acordo com o linguista, a Linguística, como uma ciência autônoma, deve ser dividida em duas partes, dois eixos, sendo cada uma com um princípio e uma definição próprias, visto que estamos diante de um sistema de valores, ou seja, um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes. Desse modo, para ele, existem duas linguísticas: a Linguística Estática ou Sincronia, que está no eixo das simultaneidades, em que as relações são estabelecidas entre elementos coexistentes sem intervenção do tempo, e a Linguística Evolutiva ou Diacronia, que é o eixo sucessivo, em que se considera um elemento por vez, levando em conta sua evolução e transformações ao longo do tempo. Portanto, “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções [...] um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 2006, p. 96). Com isso, o que no século XIX fora tratado como Linguística Histórica é definido por Saussure como Diacronia, sendo que, para ele, o termo “histórico (a)” e/ou “Linguística Histórica” são ideias vagas incapazes de definir e distinguir essas duas linguísticas (SAUSSURE, 2006, p. 96).

Ao distinguir dois fenômenos relativos ao mesmo objeto, Saussure afirma que, em termos de estudos dos fatos de língua, deve se desconsiderar a diacronia, tendo em vista que, para o falante, o que existe é um estado de língua e não a sucessão desses fatos no tempo, além disso, para o falante, e também para um linguista, não é preciso buscar a origem de uma língua e suas mudanças para

entendê-la. Para o estruturalista, “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 2006, p. 102), pois é um sistema que continua funcionando mesmo com as consequências do tempo. Todavia, é errôneo afirmar que Saussure ignora o fator tempo, a diacronia, nos estudos linguísticos, sendo que ele apenas aponta dois métodos diferentes de se observar a língua. Assim, conforme Saussure, o estudo da língua apresenta dois métodos: observar cada sistema linguístico isolado ou observar a dinâmica das transições desse sistema, portanto, a língua deve ser observada, ora estática ora evolutivamente. Para finalizar, é necessário considerar que o corte saussureano foi essencial para um maior entendimento acerca da relação entre a língua e a história, entre um olhar estático e um olhar evolutivo para a língua, o que ajudou a configurar os estudos de Linguística Histórica ou Diacrônica.

1.1 Linguística histórica e mudança linguística

Linguística Histórica ou Linguística Diacrônica é um método de observação pertinente da língua capaz de descrever e explicar a sua configuração e suas mudanças ao longo do tempo. Segundo Paixão de Sousa (2006), para o estudo da língua na “dinâmica do tempo”, a temporalidade será um fator integrante à reflexão linguística; deste modo, para a autora, “a linguística histórica constitui-se, assim, como um fazer historiográfico, no qual é preciso pensar não só o tempo, mas os tempos do Tempo – ou seja, onde é preciso que se reconheça analiticamente a historicidade da própria narrativa em construção” (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 28). Para os estudos em Linguística Histórica, faz-se relevante a ideia de que as línguas mudam, e essa evidência desencadeou um dos importantes fenômenos de investigação daqueles que fazem Linguística Diacrônica: a Mudança Linguística.

De acordo com Faraco (2005), “a realidade empírica central da linguística histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo” (FARACO, 2005, p. 14). Para o autor, as línguas humanas não são estáticas, elas têm sua configuração alterada pelo tempo e é isso que interessa aos estudos diacrônicos. Ele nos afirma que a mudança consegue alterar a estrutura das línguas sem nenhum prejuízo de sua “plenitude estrutural” e “potencial semiótico”, ou seja, elas nunca perderão seu caráter de sistema, permanecendo clara para os seus falantes, esses que, por sua vez, não têm consciência dessa mudança.

A mudança linguística, para Faraco, possui algumas características, tais como: ela é contínua e própria a todas as línguas, assim cada estado de língua é produto de um processo histórico, o que já apontara Saussure, a língua é ao mesmo tempo estática e evolutiva. Apesar de ser contínua, a

mudança é lenta e gradual, ou seja, a mudança não é algo imediato nem integral, mas sim gradativa, atingindo partes da língua, sendo que a substituição de um termo por outro passa por um período intermediário, em que os dois elementos coexistem como variantes até um desaparecer totalmente. Além disso, a mudança é regular, ou seja, as mudanças linguísticas não acontecem aleatoriamente, pois quando um elemento está em processo de mudança, esse processo é regular e alcança todas as suas ocorrências. Por fim, a mudança nunca atinge todo o sistema da língua, mas sim uma parte, como já afirmara Saussure que as mudanças ocorrem em elementos isolados, não afetando o sistema como um todo. Assim, as mudanças podem ocorrer em qualquer domínio da língua.

Ao prever que a mudança passa por um período intermediário em que dois elementos coexistem como variantes até um se tornar obsoleto, Faraco (2005) assume uma postura funcional em relação à mudança, pois recorrendo ao termo “variante”, o autor nos leva a entender que a existência de duas formas (variantes) está associada a fatores externos ao sistema, ou melhor, a fatores sociais, extralinguísticos. Isso porque compreendemos por variante as formas individuais que estão em disputa no processo de variação.

Por sua vez, a variação linguística:

[...] é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado.[...] A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente. (COELHO; GÖRSKI; SOUZA, 2014, p. 16)

A partir disso, entendemos a variação como um fenômeno comum a toda e qualquer língua natural. Assim, toda língua passa por processos de variação e isso se dá tanto por fatores intrínsecos ao sistema linguístico quanto por fatores extrínsecos a ele, ou seja, fatores que estão presentes na sociedade (condicionadores). No entanto, apesar de variar, o sistema linguístico permanece organizado, tendo em vista que, mesmo variando, falantes de uma mesma língua conseguem estabelecer comunicação, pois:

[...] palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado referencial/representacional pelo qual “disputam”. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações. (COELHO; GÖRSKI; SOUZA, 2014, p. 16)

Diante disso, as diferentes formas que os falantes de uma língua utilizam para falar ou escrever estão diretamente relacionadas ao próprio falante e à sociedade. Com isso, entendemos que a língua é

também social, sendo, portanto, heterogênea. Essa heterogeneidade está intimamente relacionada à diversidade de formas existentes em uma língua natural. Assim, no âmbito dos estudos da linguagem, é a Sociolinguística que tenta captar essa realidade heterogênea da variação, sendo uma das áreas da Linguística que “estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO; GÖRSKI; SOUZA, 2014, p. 13).

Nessa perspectiva, a mudança linguística é pensada a partir das noções de língua como um sistema heterogêneo que varia. Sendo assim, conforme Coelho, Görski e Souza (2014, p. 70-71),

[...] é possível que, em seu repertório linguístico, um falante disponha de mais de uma forma para expressar o mesmo significado – temos aí a variação linguística. Ocorre que, dentro do repertório linguístico desse falante, pode acontecer, também, um desfavorecimento gradual da forma original em prol da nova, de modo que a forma antiga assumia o estatuto de arcaica ou obsoleta e, aos poucos, deixe de ser usada. Nesse caso, estamos diante de um processo de *mudança linguística* [grifo do autor].

Nesse sentido, de acordo com Coelho, Görski e Souza (2014), são estabelecidos alguns princípios para a investigação da mudança linguística, tais como: a mudança através da estrutura linguística não é uniforme e nem instantânea (abrupta); a mudança linguística está intimamente relacionada a fatores linguísticos e sociais; toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação sofre mudança. Assim, fica claro que a variação precede a mudança e essa, por sua vez, é um processo motivado, também, pelo social, sendo assim, é funcional.

Partindo do exposto, concluímos que o estudo da mudança linguística, no âmbito da variação, é funcional, tendo em vista que incorporam no estudo da língua os fatores sociais, correlacionando a estrutura linguística à social. Assim, a mudança linguística está inserida no contexto social. Ao contrário dessa perspectiva funcional, a mudança linguística pode ser investigada na perspectiva formal dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, a partir do processo de aquisição da linguagem, como explanamos a seguir.

2. Gramática gerativa: estado da arte

O programa gerativista é uma corrente de estudos linguísticos que teve início em meados do século XX, mais precisamente em 1957, nos Estados Unidos, a partir das ideias do linguista Noam Chomsky, como uma reação ao behaviorismo que concebia a linguagem humana como condicionada pelo ambiente social, sendo essa caracterizada como externa ao indivíduo. Ao contrário, conforme Kenedy (2016), a então Gramática Gerativa (GG) é um programa de investigação linguística que concebe a linguagem humana como uma dotação genética, visto que,

para Chomsky, a capacidade humana de produzir e entender ao menos uma língua natural não é condicionada por fatores externos, mas sim resultante de um dispositivo inato, capacidade genética, sendo, portanto, interna, ao falante, tal dispositivo é denominado de *Faculdade da Linguagem*. A partir disso, as investigações linguísticas no âmbito da GG buscam elaborar modelo(s) teórico(s) capazes de descrever e explicar o que é e como funciona o dispositivo inato da linguagem humana e é nesse anseio que a linguística gerativa passou por diversas reformulações e mudanças em seus modelos teóricos ao longo dos anos, desde a proposta *Transformacional*¹ até chegar ao que hoje entendemos por *Programa Minimalista*².

A respeito da *Faculdade da Linguagem*, Chomsky (2016a) argumenta que os seres humanos são dotados de uma faculdade da linguagem, um elemento da natureza humana que distingue o homem dos outros animais. Essa faculdade, também tratada como *Capacidade da Linguagem* pelo autor, é um procedimento que gera uma infinidade de estruturas hierarquicamente organizadas. Segundo Chomsky (2016b), a propriedade mais notável da capacidade da linguagem

[...] is that languages consist of a discrete infinity of structured expressions that are interpretable in a definite way by the conceptual system (CI) of thought and action and by a sensory-motor system (SM) for externalization, thus yielding a sound-meaning correlation over an infinite range. (CHOMSKY, 2016b, p. 2)³

Dessa forma, a capacidade da linguagem é composta de diversas expressões estruturadas que são interpretadas por um sistema conceitual (interior ao pensamento) e um sensório-motor (externo ao pensamento) a partir de um outro sistema computacional gerador (GEN), esse que, por meio de operações combinatórias, possui a capacidade de gerar um tipo de linguagem do pensamento. Para o linguista, a noção de computação (GEN), para explicar as propriedades da capacidade da linguagem, é importante para se entender a geração de infinitas expressões a partir de meios finitos, o que permite uma investigação que considere a propriedade básica da faculdade da linguagem. Essa hipótese da capacidade da linguagem tem sido chamada de *Gramática Universal* (GU).

A hipótese da GU, de uma forma geral, defende que o ser humano dispõe de uma gramática internalizada, um conjunto de regras que regem a distribuição de formas (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013). Essa gramática internalizada, a GU, está associada ao conhecimento que o

¹ A proposta *Transformacional* buscava descrever e explicar como os constituintes das sentenças eram formados e se transformavam em outros através da aplicação de um finito sistema de regras, reconhecido como o conhecimento linguístico presente na mente do falante de uma língua (KENEDY, 2016).

² O *Programa Minimalista* tem como princípio geral a economia. Assim, as operações envolvidas na derivação de sentenças são mínimas. Nesse modelo, as noções de estrutura-P e estrutura-S são eliminadas, o que torna a derivação uniforme (KATO, 1997).

³ “[...] é que as línguas consistem em uma infinidade discreta de expressões estruturadas que são interpretáveis de uma forma definida pelo sistema conceitual (CI) de pensamento e ação e por um sistema sensório-motor para externalização, desta forma produzindo uma correlação de som-significado sobre uma variedade infinita.” (CHOMSKY, 2016b, p. 2).

falante tem de sua língua materna, independentemente se esse for exposto ou não ao ensino da mesma. Para Kenedy (2013, p. 94), a GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem, é uma propriedade do cérebro humano, uma concretização biológica da nossa faculdade da linguagem. Segundo o autor, a GU, como um dos estágios da aquisição da linguagem, nesse processo, recebe estímulos de uma língua ambiente, língua-E⁴, e, a partir desses estímulos, filtra as informações necessárias para a formatação da gramática de uma língua natural, emergindo uma língua-I⁵ na mente do falante. Nesse processo de aquisição da linguagem, a hipótese da GU consegue explicar o porquê de as línguas naturais possuírem características semelhantes, tendo em vista que compartilham a GU como estágio inicial.

Além de possibilitar uma explicação para as semelhanças entre as diversas línguas naturais, a GU consegue, também, explicar as diferenças entre as mesmas, a partir da teoria de *Princípios e Parâmetros* (P&P), formulada no modelo da *Regência e Ligação*⁶, sendo aprimorada na perspectiva minimalista. Dessa forma, a teoria de P&P prevê que a GU é composta por *Princípios* universais e *Parâmetros* particulares. Com isso, a teoria preenche algumas lacunas deixadas pelos modelos iniciais da GG a respeito das divergências entre as línguas, o que permitiu, inclusive, um olhar para a mudança linguística na perspectiva gerativista.

2.1 Princípios e parâmetros

De acordo com Baker (2003), as línguas não são completamente distintas umas das outras; no entanto, também, não são totalmente semelhantes. Conforme o autor, a linguagem obedece a princípios abstratos. Tais princípios são sintáticos e invariantes, pois são comuns a todas as línguas e essa similaridade entre as línguas naturais pode ser entendida pelo fato de todas as línguas usarem os mesmos constituintes. A exemplo desses princípios, seria o fato de todas as línguas naturais possuírem o constituinte sujeito na construção da sentença. Todavia, apesar disso, nas línguas naturais, há diferenças profundas nos padrões sonoros, na ordem, na combinação de frases e nos significados

⁴ Conforme Kenedy (2016), entende-se por língua-E um fenômeno sociocultural, por ser compartilhada pelos indivíduos que integram uma sociedade, e um fenômeno histórico, por se constituir ao longo tempo. Para o autor, a língua-E pode ser interpretada como língua ou idioma (KENEDY, 2016, p. 29).

⁵ A língua-I, por sua vez, diz respeito ao conhecimento linguístico de um falante e que está presente em sua mente, o que lhe permite produzir e compreender um número infinito de expressões linguística de uma determinada língua ambiente, língua-E (KENEDY, 2016, p. 34).

⁶ No modelo de Regência e Ligação, ao invés de se pensar em um sistema finito de regras que se transformava para a formação de infinitas sentenças, postula-se, na derivação de sentença, apenas a operação “*mova-a*”. Para Kato (1997), essas regras, neste modelo, “são vistas como epifenômenos de Princípios universais e Parâmetros de variação, os quais também formam a base para uma teoria da aquisição” (KATO, 1997, p. 3).

expressados; como nos afirma Baker (2003), “no aspect of language is immune to variation” (BAKER, 2003, p. 3)⁷. Dessa forma, concluímos que, segundo Baker (2003), são denominados parâmetros as diferenças entre as línguas naturais. Assim, um exemplo de parâmetro seria o sujeito nulo, sendo que, em algumas línguas, o constituinte sujeito é foneticamente realizado, enquanto em outras línguas não.

Segundo Baker, a maior parte da linguagem é universal, inata à mente humana e invariável, o que constitui os princípios, como por exemplo, as noções de frase e sentença, a distinção de sujeito e objeto etc. Entretanto, a faculdade da linguagem permite operações básicas distintas entre as línguas, os parâmetros, na GU. Sendo assim, ele nos afirma que as distinções entre as 600 línguas naturais do mundo podem ser explicadas por um número pequeno de parâmetros, cerca de 10 a 20.

Baker assume que a variação linguística tem implicações na origem da linguagem, visto que, para ele, “the most obvious way to give an evolutionary account of the human capacity for different languages looks like a non-starter” (BAKER, 2003, p. 7)⁸; assim, pensar a evolução da faculdade da linguagem é pensar nas diferenças entre as línguas naturais. Conforme o autor, outra explicação é a de que, na evolução, muitas propriedades da linguagem foram fixadas, mas outras não. Enfim, o linguista assume a autonomia do parâmetro que faz a língua funcionar e é a partir dele que entenderemos a evolução da capacidade da linguagem. A partir disso, o autor conclui que “parameters are a design feature of the human language faculty after all” (BAKER, 2003, p. 8)⁹; é o parâmetro que faz a língua funcionar.

Sendo assim, entendemos que por seu caráter autônomo e até “funcional” na língua, a noção de parâmetro, ao prever uma evolução na capacidade da linguagem, consegue explicar a mudança linguística dentro do quadro teórico da GG, visto que é a fixação ou não de determinados parâmetros na língua, no processo de aquisição, que vai delinear a mudança linguística que passa a ser paramétrica, o que abordamos no decorrer deste texto.

3. Aquisição da linguagem

O processo de Aquisição da Linguagem, na GG, é explicado a partir de uma hipótese denominada inatista que atribui caráter “psicológico” ao conhecimento linguístico. Essa hipótese vai de encontro à proposta behaviorista que atribuía a esse conhecimento um caráter empirista. Em

⁷ “nenhum aspecto da linguagem está imune à variação.” (BAKER, 2003, p. 3)

⁸ “a maneira mais óbvia de dar uma consideração evolucionária da capacidade humana para diferentes línguas parece fracassada.” (BAKER, 2003, p. 7)

⁹ “parâmetros são um traço de design da faculdade da linguagem humana afinal.” (BAKER, 2003, p. 8)

outras palavras, a aquisição da linguagem era explicada por meio de *associação* e *generalização*. Conforme Dascal e Borges Neto (1991), sendo o conhecimento linguístico adquirido fruto da experiência do falante, assim, a aprendizagem de língua materna estava condicionada a estímulos (linguísticos ou não) dados pelo ambiente, o que, conseqüentemente, desencadearia respostas linguísticas.

Ao contrário disso, a hipótese inatista, desenvolvida por Chomsky (na década de 60), defende que o conhecimento linguístico não é fruto da experiência do falante, mas sim um aparato genético, uma capacidade inata. Ele defende que existe uma gramática universal internalizada na mente do falante (GU) responsável pelas semelhanças entre as línguas. Nessa gramática, estão contidas as regras de todas as línguas naturais. Dessa forma, o processo de aquisição é explicado a partir do pressuposto de que a criança possui uma “teoria linguística”, de acordo com Dascal e Borges Neto (1991), como parte de sua herança genética capaz de determinar o que é possível ou não de ser realizado em determinada língua natural, sendo que o aprendizado de uma língua se dá pela seleção das regras possíveis para a mesma pela criança e o resultado gerado é a gramática¹⁰ da língua à qual ela está exposta.

A respeito da hipótese inatista, esta, mesmo não possuindo caráter empírico, sustenta-se na medida em que propõe um conhecimento linguístico que permite ao falante produzir e entender uma infinidade de estruturas complexas mesmo exposto a estímulos tão pobres. A hipótese da *Pobreza de Estímulo* se fundamenta no problema de Platão: como a criança aprende em tão pouco tempo estruturas complexas da língua, tendo em vista a pobreza de estímulos oferecida pelo ambiente? Chomsky (1972) considera esses estímulos (dados oferecidos pelo ambiente) dispersos e inadequados. Assim, a concepção de GU postula que parte do processo de aquisição é inato e isso consegue explicar o aprendizado dessas estruturas pelos falantes, caso não existam complicações patológicas.

Chomsky trata a questão da aquisição da linguagem retomando o racionalismo clássico (cartesiano). Dessa forma, Chomsky (1972) defende a pressuposição geral de que os princípios da linguagem são conhecimentos inconscientes, sendo uma condição prévia para aquisição da linguagem, ao contrário de se pensar que esse processo se daria por instituição ou treinamento. Para o autor, o aprendizado da linguagem pressupõe uma “posse da razão” e o fato de se aprender a falar é um efeito disso. Contudo, o autor nos afirma que essa razão é um combustível que não se incendeia por si mesmo, ou seja, a razão não é ativada por si só, precisa de uma motivação, precisa que “uma

¹⁰ Nesse sentido, o termo *gramática* diz respeito ao conjunto de propriedades linguísticas abstratas de uma determinada língua natural. Segundo Lightfoot (1999), “gramáticas, em nossa perspectiva, são entidades mentais que emergem nas mentes dos indivíduos quando eles são expostos, na infância, a alguma experiência detonadora” (LIGHTFOOT, 1999, p. 52)

faísca seja lançada na alma” (CHOMSKY, 1972, p. 79). Tal faísca é entendida como *experiência*. Destarte, o autor conclui que: “para que a razão desperte é necessária a comunicação com um intelecto já existente. Mas o estímulo externo só é requerido para pôr em ação mecanismos inatos; não determina a forma daquilo que é adquirido” (CHOMSKY, 1972, p. 79). Com isso, Chomsky argumenta que, mesmo precisando de um estímulo externo, o que determina o aprendizado de uma língua não é a experiência, mas sim os mecanismos inatos, em outras palavras, a GU.

Chomsky (1972) é enfático ao defender uma capacidade inata do falante para a aprendizagem de uma língua. Assim, ele afirma que,

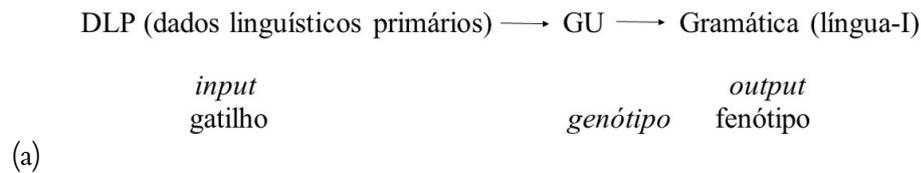
[...] com efeito, é claro que este aprendizado [da linguagem] pela comunicação supõe já a capacidade de inventar a linguagem. Em certo sentido a linguagem é inata no homem; a saber no mais puro sentido filosófico, segundo o qual tudo aquilo que, segundo a compreensão habitual parece ser inato ao homem, deve ser produzido por sua própria atividade. (CHOMSKY, 1972, p. 79)

Diante disso, ele explica o processo de aquisição da linguagem como

[...] uma questão de crescimento e maturação de capacidades relativamente fixas em condições externas adequadas. A forma da linguagem adquirida é determinada em grande parte por fatores internos; é por causa da correspondência fundamental de todas as línguas humanas. (CHOMSKY, 1972, p. 80)

Nessa abordagem a respeito do processo de aquisição da linguagem, percebemos que Chomsky já pensa na maturação da capacidade da linguagem, o que é possível relacionar com o que entendemos, mais adiante, por amadurecimento da GU no processo de aquisição de uma língua, sendo que a língua adquirida é fruto de uma maturação do conhecimento inato (interno) que gera como resultado a gramática de uma língua.

Para entendermos o funcionamento desse processo de aquisição da linguagem, é necessário saber que o mesmo se dá por uma teoria seletiva, como nos afirma Lightfoot (1991), que prevê a existência de algo que é dado (possibilidades - GU) e de *input* (dados linguísticos de uma determinada língua particular). Assim, a seleção dessas possibilidades dadas resultaria na aquisição de uma língua natural, um *output*. Com isso, essa teoria sustenta a ideia de que a criança não aprende uma língua somente pela experiência, ao contrário, ela participa e contribui para aquisição. Baseados em Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2013) e Lightfoot (1991), entendemos que a aquisição se processa da seguinte maneira (a):



Basicamente, o que ocorre no processo de aquisição da linguagem é: a criança está exposta ao *input* que é filtrado pela GU. Essa filtragem formata os dados fornecidos pelo ambiente através da marcação de parâmetros. Assim, nesse processo a criança atribuirá um valor a um determinado parâmetro. Após todos valores paramétricos serem marcados, gera-se a gramática de determinada língua (o *output*) (Cf. MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013). Nesse processo, justamente, as propriedades variantes (parâmetros) são marcadas, tendo em vista que essas propriedades particulares da(s) língua(s) é que devem ser adquiridas. Vale dizer que os valores desses parâmetros são binários (negativo ou positivo). Dessa forma, por exemplo, pensando no parâmetro do sujeito nulo, em línguas de sujeito nulo, como o Português, o valor do parâmetro é positivo, ao contrário do Inglês, em que a referência de sujeito é obrigatória, portanto, esse valor é negativo.

A respeito desse processo, Lightfoot (1991) considera que a GU contém aspectos do genótipo importantes para o aprendizado de uma língua, é a parte biológica (codificada geneticamente), enquanto que a gramática dessa língua é uma propriedade fenotípica, a parte materializada (concretizada). Para o autor, a experiência do ambiente fornece gatilhos que serão ajustados pelo genótipo ao selecionar valores particulares para cada parâmetro, originando um fenótipo (a gramática de uma língua). Ao gerar um fenótipo, a GU é amadurecida e os dados que se tem acesso são os da gramática que foi gerada. A partir dessa abordagem, entendemos que a experiência (o gatilho) vai desencadear uma língua, pois se não houver o gatilho para determinado parâmetro, este não será marcado.

A partir do exposto, entendemos que a aquisição da linguagem se resume na marcação de parâmetros e na maturação da GU. O resultado disso é que a criança adquire o sistema gramatical de sua língua baseado nos dados fornecidos pelo *input* que lhe foi dado. Contudo, por serem entidades abstratas variantes que contêm valores positivos e negativos, é possível que, através de dados ambíguos fornecidos pelo *input*, um valor diferente possa ser atribuído a um determinado parâmetro no processo de aquisição da linguagem, e é a partir desse fenômeno que a mudança linguística é entendida. Portanto, o ambiente da aquisição é importante para os fenômenos de mudança na perspectiva da GG.

4. Mudança linguística como mudança de gramática

Antes de mais nada, para nos situarmos na proposta de mudança linguística no âmbito da GG, é preciso entender que, para a linguística gerativa, o objeto não será a língua e sim a *gramática*, e o seu interesse está no estudo da mudança gramatical, essa que, por sua vez, é entendida como “fenômeno de aquisição de linguagem, no qual uma determinada geração de falantes chega a adquirir uma gramática distinta da geração anterior” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 9), ao contrário dos modelos funcionais que concebem a mudança como evolução, transformação e desenvolvimento.

Conforme Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2013), os processos de mudança na língua estão associados ao acionamento paramétrico, e o valor atribuído a cada parâmetro pela criança em processo de aquisição da linguagem. Tal valoração de parâmetros está relacionada à ambiguidade dos dados fornecidos pelo *input*, pois, diante dessa ambiguidade, a criança, de acordo com os autores, “poderá atribuir ao parâmetro relevante um valor distinto daquele da gramática adulta” (MIOTO; FIGUEREDO SILVA; LOPES, 2013, p. 35), resultando em uma mudança na língua. Com isso, como concluem os autores, a aquisição da linguagem será o lugar da mudança linguística. A partir disso, entendemos que o gerativista deve se ater à aquisição da linguagem, ocupando-se de verificar qual valor foi marcado para determinado parâmetro.

A partir do exposto, traçamos um esquema (b), baseado no processo de aquisição da linguagem visto na seção anterior, que nos permite visualizar o fenômeno da mudança a partir da aquisição:

$$\text{DLP (input)} \longrightarrow \text{GU} \longrightarrow \text{Gramática (output) diferente do input}$$

(b)

Se pensarmos nesse esquema, os dados do *input*, ao serem filtrados, geram um *output* diferente, ou seja, a gramática gerada não se relaciona aos dados do *input* aos quais a criança foi exposta. No esquema, a criança marca, em sua gramática, valores paramétricos distintos dos valores marcados na gramática do adulto. Com isso, é possível afirmar que, na perspectiva da GG, a mudança parte da criança, é ela quem muda a gramática, o adulto muda apenas o espaço. Destarte, concluímos que a mudança, em uma proposta gerativa, é compreendida, especialmente, como um processo de aquisição da linguagem. Este é o ambiente em que o fenômeno da mudança ocorre.

Nesse sentido, Paixão de Sousa (2006) afirma que a mudança linguística é um desafio para a teoria gerativa. Um exemplo disso é a evidência empírica da mudança linguística, tendo em vista que

o objeto da linguística não está na estrutura (dado empírico), mas na possibilidade de se gerarem estruturas, gerar uma gramática. Para a autora, a mudança no quadro teórico da GG tem sido conceituada, por muitas abordagens, como um evento catastrófico por abalar a experiência linguística de uma geração de falantes, visto que,

[...] em condições ideais, as gramáticas seriam sempre adquiridas sem mudança; entretanto, condições externas adversas podem abalar este processo e impedir que uma determinada geração de falantes adquira uma gramática da mesma forma que a geração anterior a adquiriu. Nesta perspectiva, as gramáticas de fato não mudam (em um sentido “orgânico”, ou seja, de um organismo que evolui ou se desenvolve), mas sim são substituídas por outras gramáticas. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 40)

A partir disso, a autora atribui a condições externas o papel de impulsionar a mudança gramatical de uma geração para outra, havendo, então, não uma evolução dessa gramática, mas sim o fato de a substituição da mesma por outra. Nesse debate, Paixão de Sousa chama a atenção para o fato de que os estudos gerativistas apontam diferentes condições para esse abalo na experiência linguística do falante. Essas condições, a depender da proposta, podem ser externas ou internas. Contudo, a autora esclarece que,

[...] de todo modo, o ponto interessante aqui é observar que por necessidade teórica, a causa última da mudança gramatical – ou melhor, da substituição de gramáticas – deve ser localizada na experiência linguística, ou seja, em um plano externo ao objeto-língua. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 41)

Ainda nesse debate, de acordo com Lightfoot (2010), as línguas mudam ao longo tempo, seja no léxico, na morfologia ou na sintaxe. Formas antigas se tornam mais ou menos frequentes ou desaparecem. Sendo um aquisicionista, Lightfoot usa o fenômeno da mudança para argumentar a aquisição da linguagem. Para ele, a mudança nas línguas pode ser influenciada tanto por fatores externos quanto internos e é observando o fenômeno da aquisição da linguagem que o autor entende a mudança. Dessa forma, tendo em vista que as crianças adquirem a língua sob influências internas (capacidade biológica) e externas (experiência), tanto o que está interno ao processo quanto o que é externo a ele podem influenciar na mudança. Assim, pelo caráter variável do uso, as crianças têm experiências diferentes e são essas experiências distintas que possibilitam o surgimento de novas gramáticas distintas das de seus pais, essas que serão construídas pela nova geração. Para finalizar, a abordagem dada à mudança por Lightfoot não será histórica, tendo em vista que a historicidade da língua vem dos registros dos falantes, e o que de fato interessa ao linguista é entender por que uma gramática é substituída por outra na aquisição da linguagem.

Segundo Kroch (2001), quando o linguista se propõe a estudar a mudança na gramática de uma língua, ele busca investigar o porquê da aquisição de determinada gramática. A mudança na gramática de uma língua diz respeito à fixação de diferentes valores paramétricos, ou seja, a mudança

de parâmetros é o que está diretamente relacionada à aquisição da linguagem. Destarte, Kroch (2001) nos afirma que, na mudança, a fixação do parâmetro deve ser abrupta, sem ser observada na língua, sendo somente a competição da gramática nova com o uso escolarizado conservador acessível para ser estudado nos textos. Assim, diferentemente do que propõe Lightfoot, a mudança não se constitui a partir de substituições de gramática, mas sim de competições de gramáticas, e isso ocorre de forma abrupta, inesperada, pois é a criança que marca determinado parâmetro distintamente do que fora marcado em seu *input* (língua-E).

A partir do exposto, concluímos que o modelo gerativista prevê a mudança a partir de três fatores envolvidos no processo de aquisição da linguagem: 1) o *input*, a experiência dada pelo ambiente; 2) a marcação e fixação de parâmetros; e 3) o amadurecimento da GU. A partir disso, compreendemos que a mudança gramatical se explica a partir do caráter variável e heterogêneo das experiências dadas pelo *input*, o que vai impactar na marcação e fixação de parâmetros, esses que, por sua vez, são caracterizados como um conjunto de propriedades abstratas e também variáveis, resultando na maturação da GU, ou seja, a geração de uma nova gramática.

Considerações finais

Para finalizar, partindo das discussões suscitadas acerca da mudança no âmbito da GG, é possível afirmar que mesmo se tratando de uma teoria mentalista, que prevê um objeto inato (biológico) que está organizado na mente do falante (formal), é necessário levar em consideração o social (funcional), ou melhor, as experiências dadas pelo ambiente (*input*) no processo de aprendizagem de uma língua natural para entender e explicar a mudança, visto que apenas a concepção inatista não daria conta, sendo que a mudança seria o resultado da geração de uma gramática diferente da que o falante fora exposto. A experiência vai, portanto, desencadear uma língua, ao passo que é dado a criança o “gatilho”, pois esta só opera e constrói a gramática com o *input* dado. Dessa forma, a experiência é fundamental para entendermos o fenômeno da mudança no quadro teórico da GG, visto que, a partir desses elementos, é possível observar esse fenômeno.

Referências bibliográficas

- BAKER, M. C. Linguistic Differences and Language Design. **Department of Linguistics Rutgers University 18 Seminary Place**. New Brunswick, 2003, p. 1-14.
- BORGES NETO, J. Formalismo versus Funcionalismo nos estudos linguísticos. *In: Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2004, p. 83-94.
- CHOMSKY, N. Aquisição e uso da linguagem, *In: Linguística Cartesiana*. Petrópolis: Editora Vozes limitada, tradução portuguesa, 1972, p. 75-88.
- CHOMSKY, N. Minimal Computation and the Architecture of Language. **Chinese Semiotic Studies**. EUA. 12(1), 2016a, p. 13-24.
- CHOMSKY, N. The language capacity: architecture and evolution. **Psychon Bull Rev**. Cambridge. EUA. 01 July, 2016b.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. **Para conhecer: Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DASCAL, M.; BORGES NETO, J. De que trata a linguística, afinal? *In: Histoire Épistémologie Langage*. Tome 13, facicule 1, 1991, p. 13-50.
- FARACO, C. A. **A Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- KATO, M. Teoria sintática: de uma perspectiva de "-ismos" para uma perspectiva de "programas". *In: DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 1997.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- KROCH, A. Syntactic Change. *In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Ed.). The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, Blackwell, Oxford, 2001, p. 699-729.
- LIGHTFOOT, D. **How to set parameters: Arguments from language change**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- LIGHTFOOT, D. **The development of language: Acquisition, change, and evolution**. Malden, MA: Blackwell, 1999.
- LIGHTFOOT, D. Language acquisition and language change. **Advanced Review**. Vol. 1, 2010, p. 677-684.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. F.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. *In: NUNES, J. e PFEIFFER, C. (Org.). Introdução às Ciências da Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-48.